

**CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO DO EDUCANDO NAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Maria Amélia Barcellos Fraga
Prefeitura de Vitória
mabfraga@vitoria.es.gov.br

Vitor Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo
vitor.gomes@ufes.br

Eixo temático: Formação de Professores

Categoria: Comunicação Oral

Resumo: A ampliação no modo de olhar as habilidades mentais leva autores a considerar que há necessidade da revisão dos instrumentos e estratégias educacionais para identificação das AH/SD, que para além de testes psicométricos, deve levar em conta diferentes aspectos do indivíduo na percepção de suas habilidades, desmistificando estereótipos e mitos acerca desses educandos (FLEITH, 2007; VIRGOLIM, 2007; PEREZ, 2009; RENZULLI, 2014). Os novos desafios trazidos pelo processo de inclusão escolar evidenciaram a necessidade de se repensar, continuamente, a formação dos professores que atuam com educandos identificados nessa área, além de dar cumprimento ao que preconiza a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008). Esse estudo visa desvelar dois encontros formativos vivenciados por professores especializados, de uma Rede Municipal de Ensino, sob o olhar da Fenomenologia eidética (HOLANDA, 2003), no intuito de se refletir sobre as práticas pedagógicas do AEE, a fim de qualificar o processo de identificação e atendimento dos educandos nas AH/SD, por meio das contribuições do método fenomenológico. Os professores especializados desvelaram práticas educacionais compatíveis com as necessidades dos educandos nessa área, com vistas ao enriquecimento de suas habilidades e do seu bem estar na escola, além de evidenciarem a necessidade de compreensão dos educandos nas AH/SD em seus aspectos multidimensionais, em uma demonstração de que é necessário compreendê-los qualitativamente como indivíduos com particularidades, com atitude aberta para um mundo em constante movimento.

Palavras-chave: método fenomenológico; altas habilidades/superdotação; inclusão escolar.

Introdução

Com o advento dos estudos acerca da inteligência e, conseqüentemente, de modelos educacionais para identificação de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), o conceito de unidimensionalidade,¹ provido pelos testes padronizados foi substituído pela multidimensionalidade.² Esses estudos indicam que o debate entre diferentes concepções de AH/SD evidencia sua complexidade, o que ressalta ser possível uma compreensão holística e distanciada da visão unidimensional associada ao conceito de QI,³ predominante no início do século XX (FLEITH, 2007; VIRGOLIM, 2007; PEREZ, 2009; RANGNI; COSTA, 2011; RENZULLI, 2014).

Conforme Zaia et al. (2018), as diversas formas de identificação das AH/SD têm sido amplamente discutidas na literatura científica, e os resultados desses estudos as compreendem como fenômeno multidimensional, incluindo atributos que vão além do âmbito intelectual.

Essa ampliação do olhar sobre as habilidades mentais leva autores a considerar que há necessidade da revisão dos instrumentos e estratégias educacionais para identificação das AH/SD, que para além de testes psicométricos, devem considerar os diferentes aspectos do indivíduo na percepção de suas habilidades, desmitificando estereótipos acerca desses educandos.

Dentro da visão pluridimensional, a concepção do indivíduo com AH/SD não deve se restringir à questão da inteligência/habilidades, mas deve ser expandida para os aspectos que envolvem a sua capacidade criativa e motivação. Esse alargamento conceitual considera os diferentes aspectos do

¹ O conceito de unidimensionalidade é associado ao conceito de QI (Quociente Intelectual), que dimensiona a inteligência exclusivamente por testes psicológicos.

² A concepção de multidimensionalidade considera aspectos biológicos, psicológicos, emocionais, sociais, históricos e culturais.

³ O QI trata-se de uma unidade de medida da inteligência também chamada de Stanford-Binet Intelligence Scale. Consta que, em 1904, o governo francês solicitou a Binet que criasse um instrumento que pudesse prever se crianças teriam sucesso nas escolas francesas. O instrumento criado deu origem ao primeiro teste de QI (GAMA, apud RANGNI; COSTA, 2011, p. 2).

indivíduo na percepção de suas habilidades, destituindo mitos acerca desses educandos em contextos escolares ou não (FRAGA; FREITAS, 2016).

Nesse contexto, em consonância com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEE),

[...] estudantes com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2008, p.11).

A partir dos delineamentos traçados nessa política, estados e municípios passaram a se organizar nos seus sistemas de ensino para atender o princípio inclusivo, num modelo educacional que permeia a educação básica ao ensino superior.

Os desafios trazidos pelo processo de inclusão escolar evidenciaram a importância da formação continuada dos professores que atuam com estes educandos, como forma desconstrutiva de práticas ainda arraigadas pela unidimensionalidade.

Com base nestas considerações, visamos desvelar dois encontros formativos vivenciados por professores especializados, de uma Rede Municipal de Ensino, a partir de princípios fenomenológicos eidéticos (HOLANDA, 2003), cujo intuito é a elucidação do vivido, e cujo objetivo foi a apresentação das contribuições do método fenomenológico no processo de identificação e atendimento dos educandos nas AH/SD.

Referencial teórico

Os estudos sobre AH/SD ainda carregam predominante influência e conceitos enraizados de um cognitivismo catalogador do século passado. Com a intenção de suplantar essas influências, faz-se necessária a compreensão das AH/SD a partir de outros matizes teórico-conceituais.

Nessa perspectiva, a última década do século XIX, na Alemanha, caracteriza-se pela derrocada dos grandes sistemas filosóficos tradicionais, doravante o pensamento positivista, que começa a sofrer abalos a partir dos questionamentos de seus fundamentos, amparados na objetividade e neutralidade científicas e também na compreensão de um “sujeito puro” (FORGHIERI, 2004). Segundo a autora (2004, p. 14),

[...] as dúvidas quanto à existência desse ‘sujeito puro’ e as preocupações com o sujeito concreto em sua vida psíquica imediata passam a ter predominância nessa época, preparando o terreno para o aparecimento da Fenomenologia moderna.

A partir da Segunda Guerra Mundial e de conceitos de pensadores como Maurice Merleau-Ponty, a Fenomenologia sofre aproximações e influência do humanismo existencial. Nesse sentido, busca a essência dos fenômenos na existência do ser em sua imersão no mundo, em movimento num *continuum* espacial e temporal, captando sentidos e significações em sua vivência concreta e cotidiana.

Assim, conforme Forghieri (2004, p.18), “[...] a reflexão fenomenológica vai em direção ao ‘mundo da vida’, ao mundo da vivência cotidiana imediata, na qual todos nós vivemos, temos aspirações e agimos, sentindo-nos ora satisfeitos e ora contrariados”.

Dessa forma, o método fenomenológico, em sua perspectiva humanista, pode contribuir significativamente na potencialização das habilidades nos indivíduos com AH/SD e, fundamentalmente, no olhar do professor para além da lógica psicométrica ou instrumentalizadora e, por conseguinte, realizar trabalho permeado pela lógica compreensiva da pessoa com AH/SD dentro de perspectivas favorecedoras de seu empoderamento e bem estar.

Trata-se da utilização da Fenomenologia em seus aspectos potencializadores, onde o professor em sua percepção acerca do outro, desvela vivências, experiências, inserções e atravessamentos numa lógica de imbricamento. Nesse processo, deve prevalecer o pertencimento e bem estar da pessoa,

transcendendo ao exclusivo desenvolvimento e/ou a potencialização de sua habilidade.

Apontando contribuições da abordagem fenomenológica no desvelamento/compreensão/identificação desse público-alvo da educação especial, importa-nos apresentar alguns de seus fundamentos:

A fenomenologia procura abordar o fenômeno, aquilo que se manifesta por si mesmo, de modo que não parcializa ou o explica a partir de conceitos prévios, crenças ou afirmações sobre o mesmo, enfim de um referencial teórico. Mas ela tem intenção de abordá-lo diretamente, interrogando-o, tentando descrevê-lo e procurando captar sua essência. Ela dirige-se para o fenômeno da experiência, para o dado e procura ‘ver’ esse fenômeno de forma que ele se mostre na própria experiência... Daí a própria nomenclatura fenomenológica – significando o discurso sobre aquilo que se mostra como é (phenomenon+”logos”) (MARTINS; BICUDO, apud BRUNS, 2003, p.70).

Em seguida, enumeramos características da pesquisa fenomenológica:

1. Ausência de uma compreensão prévia do fenômeno, ou seja, inicia-se o trabalho interrogando o fenômeno. 2. A situação da pesquisa não é definida pelo pesquisador, mas pelos próprios sujeitos investigados. 3. O investigador se pauta pelo sentido (MARTINS; BICUDO, apud HOLANDA, 2003, p. 49).

Em síntese, buscando descrever a atitude do sujeito-pesquisador mediante sua utilização:

O primeiro desses elementos é a *redução fenomenológica* ou abstenção de juízos que deve ter o pesquisador sobre o tema pesquisado, permitindo-lhe o acesso aos significados puros do sujeito; o segundo elemento é a *intersubjetividade* ou relação que se estabelece entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado, seus conteúdos e envoltórios decorrentes desta relação, e o terceiro elemento é o *retorno ao vivido* ou retomada do ‘mundo da vida’ do sujeito-pesquisado através do seu depoimento (HOLANDA, 2003, p. 52-53).

Aqui, a denominação pesquisador, como propõe Gomes (2012), é utilizada como sinônimo daquele que observa antes da intervenção, aplicando-se a professores, psicólogos e outros profissionais.

Nesse sentido, num ato de desvelamento, é necessário iniciarmos pela redução fenomenológica ou abstenção de juízos (mesmo compreendendo que

ela jamais será completa), a partir da busca do dado/registo qualitativo do fenômeno (aquilo que se manifesta por si mesmo), no caso, o educando nas AH/SD, concebendo que a compreensão desse indivíduo é iniciada a partir de sua identificação. Para que isso seja possível, o que temos como instrumento é a percepção: “ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam” (MERLEAU-PONTY, 2011).

Objetivos

Desvelar dois encontros formativos docentes e sua experiencição do método fenomenológico de pesquisa.

Apresentar o papel da percepção nas práticas pedagógicas com os educandos nas AH/SD.

Apresentar contribuições do método fenomenológico para identificação e atendimento dos educandos com AH/SD.

Metodologia

É necessário evidenciar, que os encontros formativos que alimentaram a escrita desse trabalho, foram realizados em parceria com uma Instituição Pública de Ensino Superior (IES) e seu Grupo de estudos em fenomenologia, cujos professores participantes (dessa formação), são localizados nas SRM⁴ das escolas-referência em AH/SD da rede municipal.

Em termos metodológicos e para registro/compreensão dos encontros formativos utilizamos três instrumentos comuns às pesquisas fenomenológicas: Diário de campo, Versão de sentido e conversas não diretivas.

⁴ As Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs) são ambientes dotados de equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para a oferta do atendimento educacional especializado. (BRASIL. Presidência da República. Decreto 6571/2008)

No primeiro deles, descrevemos as vivências daqueles encontros, envolvendo o registro das falas, gestos e silêncios dos envolvidos naquele espaço-tempo.

A literalidade almejou o processo denominado como **epoché/redução fenomenológica**, ou afastamento existencial, cuja realização é alimentada pelo entendimento de que a fidelidade dos registros reduzem os efeitos dos nossos apriorismos.

A partir da leitura posterior das anotações, identificamos unidades de significado, ou seja, “aquilo que é próprio do sujeito, a representação mental dos fenômenos abordados de acordo com as experiências vividas” (HOLANDA, 2003).

Com base na busca de elementos significativos, partimos para a elaboração de **Versões de sentido**, que seriam acompanhamentos de expressões, de características peculiares, ou seja, como os professores viram/perceberam suas experiências, cabendo a nós pesquisadores captar/intuir quais sentidos integraram essas experiências. Segundo Holanda (2003, p.56), “trata-se de uma elaboração entre a linguagem do depoente e a formulação geral do pesquisador e a subsequente colocação dos pontos de uma forma geral”.

Por último, realizamos conversas não diretivas com os professores, compreendendo-as como possibilidades de compreensão de suas vivências, sem indução a palavras e/ou respostas (pré) determinadas (HOLANDA, 2003).

Desenvolvimento

Em termos de contextualização, é necessário dizer que no município pesquisado, as diretrizes operacionais municipais para encaminhamento dos educandos nas AH/SD foram implantadas de acordo com os documentos normativos que regem a PNEE citada.

Desta forma, em nível municipal, as SRM são estrategicamente localizadas em algumas unidades de Ensino Fundamental de referência em AH/SD, constituídas por professores especializados na área, nas quais são desenvolvidos projetos de enriquecimento curricular baseados nos interesses dos educandos, inicialmente identificados e encaminhados pelos professores de sala de aula, a partir, de relatórios descritivos sobre eles.

Por três anos consecutivos, o primeiro formato das ações erigidas pelo grupo de AH/SD, se configurou pela busca de identidade do/no trabalho, cujos processos formativos se constituíram pelas demandas dos professores e de suas práticas com os educandos no contexto do AEE.

Ao final de cada ano letivo, o grupo de referência da área de AH/SD se reúne para avaliar o percurso formativo realizado, e a partir de suas demandas e necessidades evidenciadas, se planejam as formações para o ano seguinte.

Assim, ao final do terceiro ano de trabalho, o grupo percebeu a necessidade de experimentar e estabelecer trocas de experiências que pudessem facilitar o processo de avaliação pedagógica dos educandos encaminhados pelas escolas e, conseqüentemente, fomentar a identificação de cada um deles.

O grupo avaliou ser importante ouvir palestrantes com experiências diferenciadas, de outras abordagens teóricas, que pudessem contribuir com suas vivências e demandas. Assim, se constituiu a proposta dos encontros abaixo.

O primeiro encontro formativo

Conforme planejado no ano anterior, a representante do órgão gestor municipal fez o convite a um pesquisador, de matriz teórico-fenomenológica, professor doutor de uma IES pública e de referência local em termos de estudos sobre a área de educação especial.

Em sua apresentação foram utilizados slides em exposição dialogada da palestra: **“Entre o político e o real: um olhar fenomenológico sobre o educando com AH/SD”**. Ao final foi avaliada, por meio dos depoimentos dos

professores, como muito satisfatória para contribuir com o trabalho de identificação e enriquecimento realizado com os educandos no AEE, sendo importante a continuidade desses estudos no percurso formativo do ano seguinte de forma a aprofundá-los.

Passados dois meses da realização desse encontro e após as vivências dos professores nas relações intersubjetivas com os educandos no AEE, no fim do ano letivo, os professores registraram seus depoimentos acerca dessas experiências, e quais as suas versões de sentido sobre o vivido.

Em síntese, os depoimentos descreveram que no encontro foram apresentados os embasamentos teóricos e os recursos do método fenomenológico para qualificarem a identificação dos educandos no AEE, sendo esse método um importante processo de análise das áreas destaque dos educandos, como também, importante para viabilizar a observação das outras áreas ou habilidades não mencionadas nos relatórios descritivos enviados pelas escolas.

Além disto, avaliaram que a formação foi bem proveitosa, os auxiliando no processo de identificação dos educandos e na organização do trabalho, e colocaram que foi muito interessante aprofundar esses conhecimentos para aprender mais sobre a Fenomenologia e AH/SD, a fim de acompanhar o desenvolvimento de cada educando, levando em conta a individualidade de cada um, o que é um grande desafio da área.

Descreveram ainda que o tema abordado na formação os ajudou no “olhar diferenciado” para o educando inicialmente identificado nas AH/SD, proporcionando observação mais criteriosa e ajudando, inclusive, nos relatórios a serem elaborados sobre o trabalho desenvolvido com os educandos. Os professores perceberam que a formação trouxe conhecimento e um novo olhar para a área de AH/SD, apontando novas possibilidades de estudos, pois foi um momento de muita aprendizagem, em que, o palestrante foi claro e objetivo, trazendo contribuições significativas para a área.

Por fim, avaliaram que o encontro com o palestrante foi relevante, porque foi possível usar os conceitos da Fenomenologia com os educandos.

Principalmente, os alertou para a importância de perceber o educando com suas características pessoais, sobretudo, para fazer a observação em detalhes, sendo muito expressivo, porque pode-se usar os conceitos da Fenomenologia como avaliação desses educandos.

O segundo momento formativo

Este encontro foi dividido em duas partes. A primeira delas constituída por exposição dialogada sobre o **“Método fenomenológico e sua contribuição para a EE numa perspectiva de AH/SD: conversa com professores do AEE”**, em material organizado a partir de apontamentos sobre a pesquisa qualitativa e empírico-fenomenológica para retomar conceitos desvelados no encontro anterior.

No segundo momento, foi realizada a exposição dialogada dos professores, a partir da leitura do livro **“A fenomenologia da resiliência: teorias e histórias de vida”** (GOMES, 2016), articulando os conhecimentos e os casos biográficos lidos com as experiências vividas com os educandos no AEE. Para isto planejamos anteriormente com os professores a leitura do livro.

O palestrante relatou que o papel da Fenomenologia é tornar evidente o que já existe, o que já é; o pesquisador é desvelador, não criador. A lógica da Fenomenologia é compreender, priorizar o individual, por isto, se aplica melhor na observação de pequenos grupos. Coloca que ao invés de “verdades”, temos compreensão, e os professores concordam com ele, partindo das vivências com os educandos.

Uma das professoras traz a experiência com um educando. Ela diz que tem a compreensão, a “verdade” sobre ele, mas a escola tem outra 'verdade", tem outra compreensão dele. Então, teriam que juntar esses olhares diferentes; o palestrante acrescenta que não podemos alterar o que o outro faz, mas sim, o que fazemos com o outro. Por isto já havia colocado que este método não é para se intervir, mas é para se compreender/desvelar, ou seja, antes vamos buscar compreender, para só depois intervir.

Outra professora concordou que ao invés de “verdades”, temos compreensão. Neste sentido, e, simbolicamente, apresentando o relativismo, descreve a experiência da ida a um planetário, numa visita monitorada com os educandos, e que, na explicação do monitor, foi exposto que o Sol é branco, contudo, o percebermos amarelo/avermelhado a partir de nossa visão a olho nu.

Logo, uma professora percebe a importância do afastamento existencial, para a compreensão do outro, e exemplifica sobre um educando novo no AEE. Relatou que no início temos ideias pré concebidas, e quando o viu, não acreditou que ele tivesse alguma habilidade, pela sua timidez e por ser cabisbaixo. E verbaliza: “Por isto a Fenomenologia é importante para a nossa área porque observamos o educando, deixando ele se mostrar, e percebe que o AEE nas AH/SD te dá esta possibilidade, e na sala comum não há esta condição totalmente”.

Num efeito dominó, diversos professores destacam vivências no AEE. E dentro disto, concluem que, num movimento fenomenológico, precisavam “afastar” suas pré concepções acerca do educando para “vê-lo” de fato. Compreenderam que quanto mais nos afastamos, maior o nosso campo de visão/percepção. Compreenderam ainda o sentido da expressão “colocar o fenômeno em suspensão”, significando riscar/abandonar os preconceitos, pois fazemos julgamentos o tempo todo, segundo eles.

O palestrante evidencia que o/a fenomenólogo/a coloca-se em posição orientada para a descoberta, e que esta posição imprime sentido e significado à vivência com o outro no AEE.

Houve um momento da exposição, em que uma professora expressa seu anseio de possuir o controle sobre o educando no AEE, mas percebe o quanto é difícil. A partir disto, o palestrante dialoga sobre a necessidade de realizar conversas e, em certos momentos, práticas não diretivas com os alunos. Uma vez que, diretividade é provocar fenômeno e não desnudá-lo.

Ressaltou que nesse momento de conhecimento mútuo é fundamental deixar o fenômeno se apresentar diante dos olhos, para desvelá-lo, extraí-lo. Dessa forma, explanou sobre versão do sentido, esclarecendo que é a descrição imediata após a vivência com o outro, com o mundo, resgatando o vivido com base na emoção, aquilo que te impactou.

Assim, expõe que a identificação do talento requer paciência e metodismo. Neste sentido, deve-se registrar tudo no Diário de Campo, não julgando se é relevante ou não, mas, apenas escrever; a partir daí, posteriormente, elaborar versões de sentido e unidades de significado.

Nesse momento, uma professora compartilha sobre um educando encaminhado, sobre o qual identifica como interessado em super heróis; a partir daí, iniciou o trabalho de descoberta com ele, pois os super heróis “falam” muito de nós. Não se tratava ali de simples aulas de desenho, mas de se buscar a compreensão sobre quem é o educando em suas particularidades. O palestrante pontuou que neste ato intersubjetivo ela abriu possibilidades para outras descobertas.

A partir da conversa sobre a *epoché* e da não diretividade mediante a relação com os educandos, os professores trazem contribuições sobre o autoconceito e autoimagem, e percebem que os mitos criados sobre os alunos com AH/SD constituem imagens irreais, em que são concebidos como “super” em tudo.

Em suas conclusões, o orador defendeu que Fenomenologia não é para desenvolver talento, mas para compreender o indivíduo. Nesse sentido, na parte final do encontro, em conversas sobre os casos biográficos do livro (como forma ilustrativa de realização de observação fenomenológica), refletiu-se sobre as experiências de vida de cada um dos participantes e o palestrante pontuou que todos realizaram excelentes versões de sentido.

Conclusões

Nas experiências de implementação das diretrizes municipais nas AH/SD, se evidencia a necessidade de compreensão dos educandos em seus aspectos multidimensionais, numa demonstração que é necessário entendê-los qualitativamente como indivíduos em suas particularidades, numa atitude aberta e em constante movimento. Assim, os encontros formativos desvelados, tiveram por objetivos tornar evidentes práticas educacionais desconstrutivas de modelos cognitivistas muitas vezes arraigados à área.

Favorecidos pelos preceitos do método fenomenológico de pesquisa, os professores especializados podem ser beneficiados nos entrelaçamentos e compreensão de seus educandos, a partir do olhar sobre o experienciado, cujo registro de depoimentos e comportamentos alimentarão a compreensão eidética do vivido.

Por último, é necessário ressaltar que, ainda que as políticas públicas no atendimento ao educando com AH/SD possuam caráter diretivo, seu processo de identificação não necessita. Nesse sentido, a fenomenologia empresta a professores e educandos possibilidades de compreensão evidenciando sentidos e descobertas, a partir do entendimento do papel da percepção como favorecedora dessa relação, concebendo o AEE como espaço-tempo de bem-estar e aprendizado, na perspectiva da inclusão escolar.

Referências

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, 2008.

BRUNS, Maria Alves de Toledo. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade-objetividade. In: BRUNS, Maria Alves de Toledo; HOLANDA, Adriano Furtado (Org.). **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2003. p. 65-75

FLEITH, Denise de Souza (Org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. v. 1, 2, 3.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. A fenomenologia e suas relações com a psicologia. In: _____. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. cap. 2, p.13-22.

FRAGA, Maria Amélia Barcellos; FREITAS, Sumika Soares. Inteligência, criatividade e superdotação: contribuições da perspectiva histórico-cultural. **Revista Educação Especial em Debate**, Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão (Neesp), Centro de Educação, ano 1, v. 1, n. 2, p. 131-146, jul./dez. 2016.

GOMES, Vitor. **A fenomenologia da resiliência: teorias e histórias de vida**. Curitiba: CRV, 2015.

_____. **Introdução a uma psicopedagogia fenomenológica: a psicopedagogia fenomenológica e o humor resiliente nas histórias em quadrinhos: possibilidades de análise**. São Paulo: Plêiade, 2012.

HOLANDA, Adriano Furtado. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, Maria Alves de Toledo; HOLANDA, Adriano Furtado (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2003. p. 41-64.

MERLEAU PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PEREZ, Suzana G.P.B. A identificação das altas habilidades sob uma perspectiva multidimensional. **Revista “Educação Especial”**. Universidade Federal de Santa Maria. v. 22, n. 35, p. 299-328, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 5 fev. 2014.

RANGNI, Rosemeire de A; COSTA, Maria da Piedade Resende da. A educação dos superdotados: história e exclusão. **Revista Educação**, Universidade de Guarulhos, ano 18, v. 6, n. 2, p. 16-24, 2011. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/viewFile/923/903>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

VIRGOLIM, Ângela Maria R. Encorajando potencialidades: desenvolvendo a superdotação na teoria e na prática. In: _____. **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. cap. 4, p. 51-71.

ZAIA, Priscila; NAKANO, Tatiana de Cássia; PEIXOTO, Evandro Morais (2018). Scale for Identification of Characteristics of Giftedness: Internal structure analysis. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 35 (1), 39-51. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02752018000100005>>. Acesso: 21 jun. 2018.